

TREMOR E TEMOR: UMA ANÁLISE DO FILME “ÁRVORE DA VIDA”, DE TERRENCE MALICK

Rosângela Almeida Chaves¹

Contemporâneo de Descartes, o pensador francês Blaise Pascal (1623-1670) não se deixou contaminar pelo otimismo racionalista do autor do **Discurso do Método** e desenvolveu uma filosofia em que sobressai a consciência da condição trágica do homem. Nascido na Dinamarca em 1813, o filósofo Søren Kierkegaard se opôs ao sistema dialético e totalizante criado por Hegel e escreveu uma obra na qual reflete sobre a existência concreta do ser humano, marcada pela angústia, pela culpa e pelo desespero.

Apesar de pertencerem a tempos e culturas distintos, o que aproxima esses dois autores profundamente religiosos – um católico e o outro protestante –, além do fato de nadarem contra a corrente das ideias filosóficas predominantes em suas respectivas épocas, é a pergunta a que ambos procuraram responder: como o coração humano pode encontrar algum consolo diante do silêncio de Deus?

Por caminhos diferentes, os dois pensadores também chegaram a uma resposta semelhante para essa indagação. “O coração tem razões que a razão desconhece” – a famosa frase de Pascal é uma forma de dizer que as luzes da razão, ao contrário do que pregava a tradição cartesiana, são insuficientes para explicar os paradoxos e as contradições inerentes à condição humana. A “razão” do coração é a fé, é ela que salva o homem do abismo. É também somente a fé que, para Kierkegaard, pode redimir os indivíduos, livrando-as da desesperança, do “tremor e do temor” (título de uma das obras mais famosas do dinamarquês).

Formado em filosofia, o cineasta norte-americano Terrence Malick produziu uma curta, mas instigante filmografia, na qual contrapõe um estilo contemplativo e reflexivo ao padrão cada vez mais acelerado e superficial das produções hollywoodianas. No arrebatador **Árvore da Vida** (2011), Malick realiza uma espécie de sinfonia cósmica, composta por uma sequência de imagens cuja beleza, no entanto, também deixa entrever o que tanto atormentou Pascal: a suspeita de que podemos estar irremediavelmente abandonados em

¹ Aluna do curso de Filosofia do Claretiano Centro Universitário.

meio a esses “silêncios eternos dos espaços infinitos”. Órfãos diante de uma natureza completamente alheia às nossas dores e alegrias.

O filme de Malick foca uma família norte-americana nos anos 50 do século passado, cujo patriarca (vivido por Brad Pitt) educa os filhos com grande rigidez e severidade, embora também expresse de vez em quando manifestações de afeto e carinho. A mãe, personagem de Jessica Chastain, é o contraponto à figura paterna, mais compreensiva e permissiva com a prole. Entre idas e vindas no tempo, o cotidiano familiar é abalado com a notícia da morte de um dos filhos, com apenas 19 anos. Algumas décadas depois, o primogênito da família, Jack (vivido por Sean Penn), que fora sempre rebelde e depois torna-se um arquiteto de prestígio, ainda se vê às voltas com o trauma da morte do irmão e a relação conflituosa com o pai.

Narrado dessa forma, o filme parece mais um drama familiar, mas Malick vai muito além disso. A citação do **Livro de Jó** que abre o filme – “Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? ... Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus jubilavam?” – Já nos fornece uma pista. Entre as imagens do cosmos que vão surgindo na tela e a exposição dos conflitos e angústias dos personagens, Malick indaga sobre o sentido da existência e parece propor que a resposta para essa dúvida que nos assombra pode estar na solução de Pascal e Kierkegaard. Ou seja, o caminho é o da graça (ou da fé), que implica um ato de resignação, de aceitação da vida como ela nos é ofertada, de forma a alcançar a “paz e a consolação no seio da dor”, como diria Kierkegaard.

Mas o final do filme também se abre para outras possibilidades. E elas podem estar na filosofia existencial de Camus, que assume o absurdo como algo inerente à existência humana, do qual não se pode escapar. E deriva a liberdade dessa constatação.

No seu livro *O Cinema Pensa*, Julio Cabrera observa que os filósofos logopáticos, entre os quais ele inclui Kierkegaard, além de Schopenhauer, Nietzsche e Heidegger, sustentam que “certas dimensões fundamentais da realidade não podem ser ditas e articuladas logicamente para que sejam plenamente entendidas, mas devem ser apresentadas sensivelmente” (1998, p. 20, grifos do autor), por meio de uma compreensão que ele chama de

“logopática”, ou seja, uma compreensão racional e afetiva ao mesmo tempo. Penso que o filme *A Árvore da Vida*, sob esse ponto de vista, é profundamente filosófico, não só por evocar, como me parece, o pensamento de Pascal, Kierkegaard e Camus, mas porque, por meio das imagens, ele nos proporciona uma experiência ao mesmo tempo sensível e racional que nos leva a questionar o sentido da existência.

Bibliografia consultada

CABRERA, Julio. **O cinema pensa**. Uma introdução à filosofia através dos filmes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

KIERKEGAARD, Sören. **Temor e tremor**. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

PASCAL. **Pensamentos**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores).

REINA, A. **Cinema e Filosofia**. Curitiba: Juruá, 2016.